

*Vida*

ANO I—N.º 17—LISBOA, 11 DE SETEMBRO DE 1941—PREÇO 1 ESC.

1894  
-0. NOV. 1936

# MUNDIAL

## Ilustrada

SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



CARLOS PENALVA DE ALVA, um dos mais novos frequentadores do Estoril (Ver grande reportagem gráfica nas págs. 4 e 5)

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES  
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES  
FERREIRA DE CASTRO  
PROF. DR. HERNANI CIDADE  
GENERAL FERREIRA MARTINS  
DR. LOPES DE OLIVEIRA  
MANUEL L. RODRIGUES

DR. AMÉRICO DURÃO  
ASSIS ESPERANÇA  
DR. SOUSA COSTA  
ROBERTO NOBRE  
DR. CASTRO FERNANDES  
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS  
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA  
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS  
JOSÉ LOUREIRO BOTAS  
AUGUSTO FERREIRA GOMES  
F. CARVALHO HENRIQUES  
BRAMAÇO DE ALMEIDA  
Etc.



*Figuras da Vida*  
**MUNDIAL**

O GENERAL SIR ARCHIBALD WAWELL, QUE COMANDOU A CONTRA-OFENSIVA BRITÂNICA NA LÍBIA E DIRIGE AGORA, SUPERIORMENTE, AS TROPAS INGLÊSAS E INDIANAS QUE INVADIRAM O EÍÃO (Caricatura de Cândido Costa Pinto)

# a PÉRSIA

de ontem

# O IRÃO

de hoje



O IRÃO MODERNO tem uma praia elegantíssima, Babel-Sar, no Mar Cáspio, com palácios imponentes. Em contrapartida, as aldeias persas, muito curiosas, são o mais primitivas possível. A foto, em baixo, mostra-nos um aspecto de Yast-i-Khast com casas estábulos.



O XÁ DO IRÃO e seu filho, o Príncipe herdeiro, à janela dum combóio moderno. Em baixo: A esquerda — A mãe e a esposa do Príncipe herdeiro, que dirigem as obras sociais do país. À direita — O Príncipe herdeiro, chefe dos escoteiros iranianos, à frente dum destacamento e empunha a bandeira.

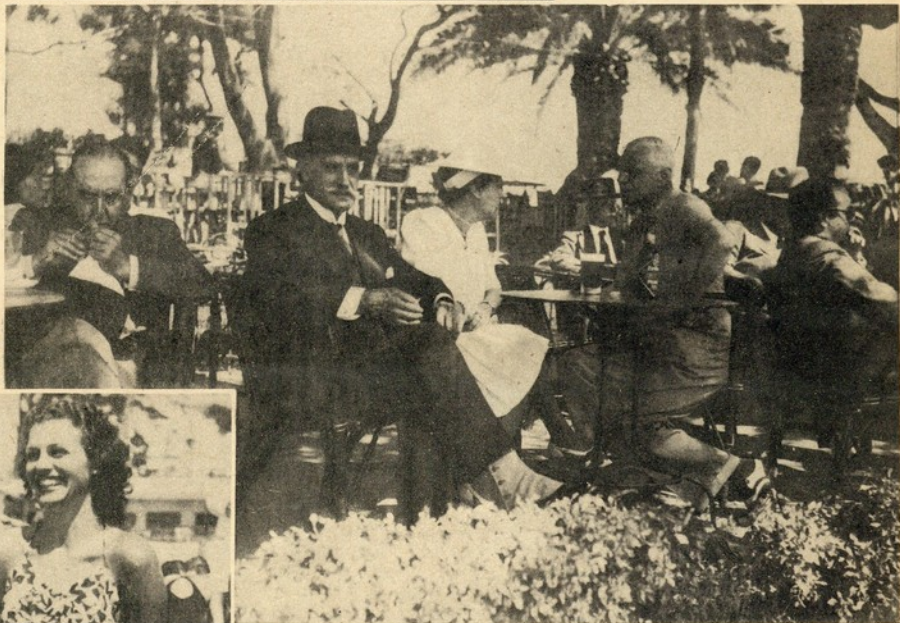




NUMA QUIETA MANHÃ DE SOL, à sombra duma esplanada do Estoril, o Prof. dr. Reinado dos Santos, recém-chegado do Brasil, onde foi como membro muito ilustre da Embaixada Especial Portuguesa, conversa com o sr. Pinto Bastos e sua esposa.

# Uma manhã de SOL no ESTORIL

NOUTRO RECANTO DA ESPLANADA sobranceira ao mar, o sr. general Vieira da Rocha, num grupo de familiares e amigos, é colhido de surpresa pelo nosso fotógrafo.



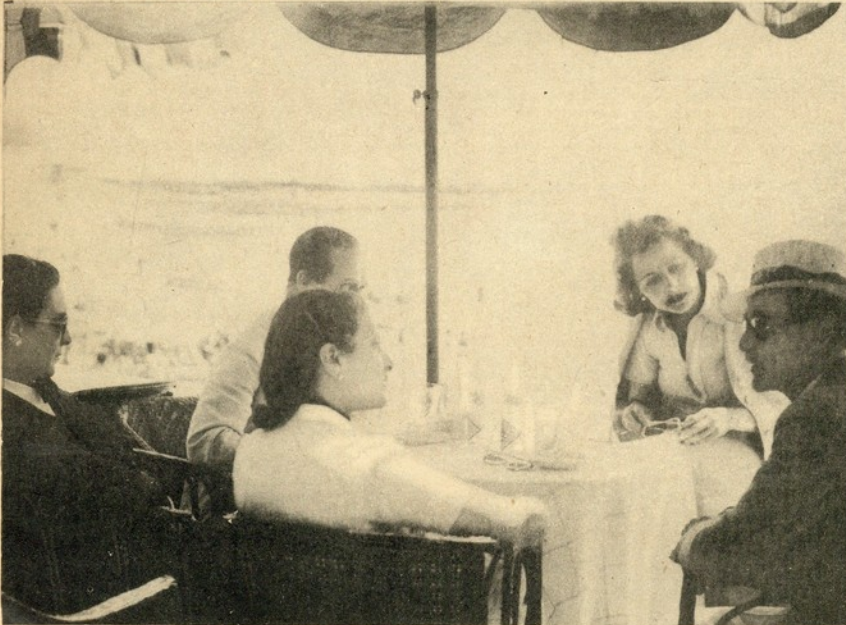
LADY GLADIS DE ALLEN E ESTELA CUNHA, dois sorrisos encantadores. UMA ALÇA DO FATO DESCIDA... ou como se apanha uma multa de 300 escudos.



UM GRUPO SORRIDENTE: A sr.<sup>a</sup> condessa de Penalva de Alva, o sr. conde de Penalva de Alva, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Piedade Vasconcelos e o sr. António Malheiro Reimão.



A SR.<sup>a</sup> D. VERA ESPÍRITO SANTO na intimidade do seu tóido, a conversar com pessoas das suas relações.



A VOLTA DUMA MESA DO TAMARIZ: M.<sup>ma</sup> Infante da Câmara e Christer Pires e os srs. Leopoldo Pires e Eduardo Pinto da Cunha.



A DIREITA e de cima para baixo—Figuras em evidência na vida portuguesa fotografadas na praia: Os srs. dr. Mac. Bride e comandante Soares Branco; o campeão de esgrima Henrique da Silveira e sua esposa; e os médicos srs. doutores Pina Júnior e Baptista da Silva. — (Fotos executadas com películas «Ferrânia».)

# CALCADA DA GLÓRIA

**DISTINÇÕES**

O autor de «A Severa» e das «Rosas de todo o ano» foi feito «cidadão carioca» honorário. Dizia-nos ontem, a este respeito, um dos seus admiradores:  
— Imagine! Ele que já era cidadão «carioca» feito agora cidadão «carioca»!

**MAURICIO DE OLIVEIRA**

**P**ORQUE será que, sendo Mauricio de Oliveira uma excelente pessoa, lhe chamam Mau...ricio?

**O MONSTRO**

**S**EGUNDO afirmam os jornais o célebre monstro de Loch Ness, que há anos tanto deu que falar, reapareceu — e, segundo as declarações de quem o viu, reapareceu de «muito mau humor».  
Se lhes parece! Ao presenciarem as monstruosidades que vão por este mundo!

**ESTÁTUAS**

**U**MA saloia de Almagem, ao contemplar a estátua do Marquês de Pombal, que se ergue em plena Rotunda, perguntou a alguém que a acompanhava, apontando o monumento:  
— Este é que é o Ramiro Leão?

**O MUNDO**

**R**ICARDO Covões, uma tarde, sob a cúpula do Coliseu:  
— O mundo não passa dum circo viçoso...

**A PENNA**

**E**STEVE uma manhã destas no castelo da Pena, em Sintra, a infatigável escritora D. Alice Ogando. Não se demorou. E nós a imaginarmos que para ela a «penna» era permanente!

**PARTIDAS E CHEGADAS**

**P**ARTE por estes dias para Cacia, no distrito de Aveiro, o nosso amigo e conhecido homem de teatro Amadeu do Valle... do Vouga.

**HIGIENE TEATRAL**

**A**NUNCIA-SE para o *Maria Vitória*, uma revista em que um dos seus autores, o sr. António Cruz, é funcionário do Instituto Pasteur. Vamos ter, em Portugal, a primeira obra de teatro — *pasteurizada!*

**PANAMÁ**

O conhecido empresário António de Macedo apareceu uma tarde destas ostentando um flamantíssimo *Panamá*. O sucesso foi completo. Não houve ninguém que não lhe tirasse o chapéu!

**PATAS**

O S jornais celebraram largamente o facto duma pata aos cinco meses já por ovos.  
Que grande pata!

**ISRAEL**

**N**A noite em que terminaram no *Avenida* os espectáculos da peça *Israel*, José Loureiro voltou-se para Alves da Cunha e murmurou:  
— De hoje em diante esta peça passa a chamar-se *Ex-rael!*

## DESAPAIXONADAMENTE



Quando às vezes te queixas, não é nada  
Pelas loucuras que tens feito. Não!  
A gente não domina o coração,  
Antes por êle é sempre dominada...

Sei que ainda em teus olhos distarçada  
Vibra a chama da última paixão!  
Que falas da saúde e da ilusão!  
Numa voz triste, lenta, perturbada!

Tu procuraste sempre em toda a parte,  
Emoções raras, da mais pura arte,  
Oiro do sol e prata do luar...

Viveste horas febris, horas serenas...  
Venceste. E eu pergunto apenas  
Se 'inda achas cêdo, Virginia, p'ra casar?

**ELEVADOR DA GLÓRIA**

**E**NCONTRA-SE restabelecido o nosso amigo *Elevador da Glória*, que já há dias deu o seu primeiro passeio, a pé.

**ATTITUDES**

**U**M petiz de dez ou onze anos entrou antes de ontem na *Papelaria da Moda* e dirigiu-se a um dos empregados da casa, o nosso amigo Borges:  
— Dá-me uma folha de papel mata-borrão?  
— O menino falou em matar?  
E logo circunspecto:  
— Não. Eu não vendo armas a menores...

**UM ALMÔÇO**

**E**M Meleças vai realizar-se um almôço, sob a risonha presidência de Leal da Câmara. A ementa compõe-se de:

- Acepipes variados (cada conviva leva 75 gramas).
- Peixe frito (cada conviva levará três postas).
- Filetes de vitela (cada conviva levará três filetes).
- Doces (oferecidos pelas meninas).
- Frutas (oferecidas pelos rapazes).
- Café (oferecido pelas sogras).
- Um autêntico almôço por subscrição!

**NUDEZ**

**N**UMA das nossas praias mais elegantes, certa rapariga permitiu-se o luxo de aparecer, à hora do banho, em *toilette* de baile — como se fosse para o casino.  
Claro! Foi multada e muito bem multada.

**AMOR FORA DE PORTAS**

**N**A outra margem do Tejo há um *restaurant* chamado *A Floresta do Ginjal*. Há dias, numa das varandas que deita sobre o Tejo, estava sentado a uma mesa um casal. A certa altura a mulher abeirando-se do homem que meditava perguntou-lhe, com ternura:

- Em que pensas, Pascoal?
- Logo êle:
- Em como é diferente o amor no Ginjal!

**MARCONI**

**D**êste grande sábio italiano foi há trinta anos extraído um dos olhos. O médico que o operou mostrou desejos de possuir o olho extraído, ao que Marconi logo acedeu. O especialista morreu há pouco e agora, a acreditar nos jornais, tudo pergunta em Itália:  
— Onde pára o olho de Marconi?

**ANÚNCIOS**

**R**ECORTAMOS do semanário *Candide* de 2 de Julho último o anúncio seguinte: «Médico católico, fisicamente bem, com situação, de 37 anos, esposaria rapariga, fisicamente bem disposta, inteligente, situação aceitável. Troca-se fotografia. Discreção». Não se pode pôr, com mais clareza, um problema matrimonial.

**JOÃO MARIA FERREIRA**

O nosso amigo e conhecido poeta João Maria Ferreira foi, nos seus tempos de estudante, um namorado irresistível. Chamavam-lhe até o *D. João* do Instituto Superior do Comércio. Um dia, como êle estivesse sempre a olhar para uma rapariga que morava defronte do Instituto, fizeram-lhe esta quadra:

*D. João, belo mancebo,  
Não olhes mais p'rá donzela:  
Senão derretes o cêbo  
Que há nos cabelos dela!*

**DIVERGÊNCIA**

**V**I uma vez, creio que escrito por Sacha Guitry, que a mulher nasceu para ser casada e o homem para permanecer solteiro.  
Ora aqui está donde resultam tantos mal-entendidos inexplicáveis.

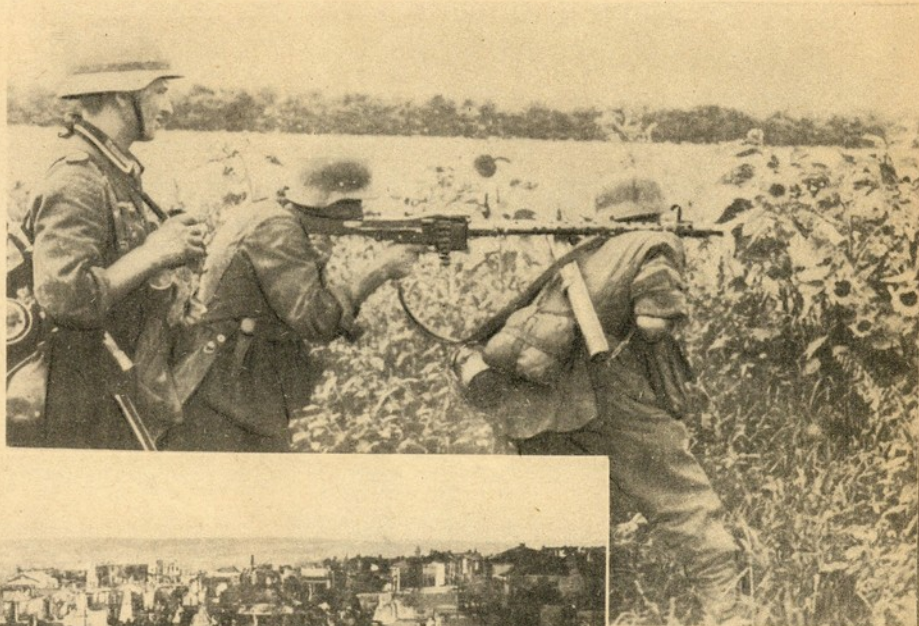
**AS PALAVRAS**

**P**ALAVRAS leva-a o vento, diz-se. Mas para onde é que o vento as levará?

*Luís S. Oliveira*

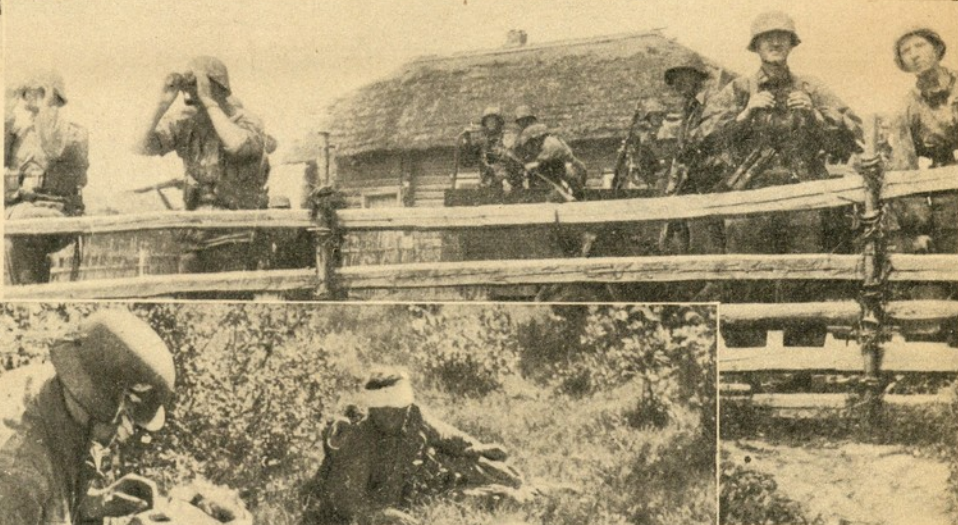
# A campanha da RUSSIA

SOLDADOS ALEMÃES fazem a «limpeza» dum terreno de grande extensão. Dada a altura da vegetação, a metralhadora não é colocada no chão; apoia-se no ombro dum soldado.



O ASPECTO DESOLADOR DUMA CIDADE DA BUCOVINA que foi totalmente incendiada pelas tropas soviéticas.

SOLDADOS ALEMÃES, instalados numa aldeia russa, inspecionam, com binóculos, as posições próximas do Exército inimigo.



UMA CENTENA DE METROS atrás da frente de combate, médicos militares e soldados alemães dos serviços sanitários prestam os primeiros socorros aos seus feridos.



O SENHOR DA SERRA foi, mais uma vez, como nos anos anteriores, uma romaria cheia de pitoresco e interesse regional. Milhares deromeiros afluíram ao monte tradicionalmente conhecido, comendo e folgando até ao princípio da noite.

# Vida PORTU GUESA



O CONCURSO HÍPICO DE CASCAIS, efectuado com grande brilhantismo, na semana passada, terminou no domingo no Parque Municipal da formosa vila. As últimas provas, assistiu o Chefe do Estado, o sr. embaixador e a sr.ª embaixatriz de Inglaterra e outras altas individualidades. A foto mostra o sr. Ronald Campbell pondo o laço no cavalo premiado com o prémio de S. M. Britânica.



O DISTINTO CAVALIEIRO HELDER MARTINS, grande figura do desporto hípico e internacional muito distinto, ganhou a prova Despedida e outras competições do Concurso. A foto mostra o sr. Presidente da República entregando-lhe os prémios e taças.





# B.B.C.

*a voz de Londres*  
**FALA e o MUNDO ACREDITA**

**Noticiário em LINGUA PORTUGUESA**

Hora de verção	Noticiário	Estações	Ondas curtas
13,15	Noticiário	G R Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
		G S O	19,76 m. (15,18 mc/s)
13,30	Actualidades	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
22,00 (*)	Noticiário	G S C	31,32 m. ( 9,58 mc/s)
		G S B	31,55 m. ( 9,51 mc/s)
22 15	Actualidades	G R T	41,96 m. ( 7,15 mc/s)

(\*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V.

Criai o hábito de lêr «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

A' venda na Livraria Bertrand, Rua Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

USE O MATERIAL FOTOGRÁFICO

ILFORD

CHAPAS // PAPEIS  
 PELÍCULAS



A' venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED  
 ILFORD - LONDRES

Vida **MUNDIAL**  
*o ilustrada*

**CONDIÇÕES DE ASSINATURA**

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. — África: 12 meses (48 números) — 60\$00.

Estrangeiro c/convensão — 12 meses (48 números) — 65\$00.

Estrangeiro s/convensão — 12 meses (48 números) — 80\$00.

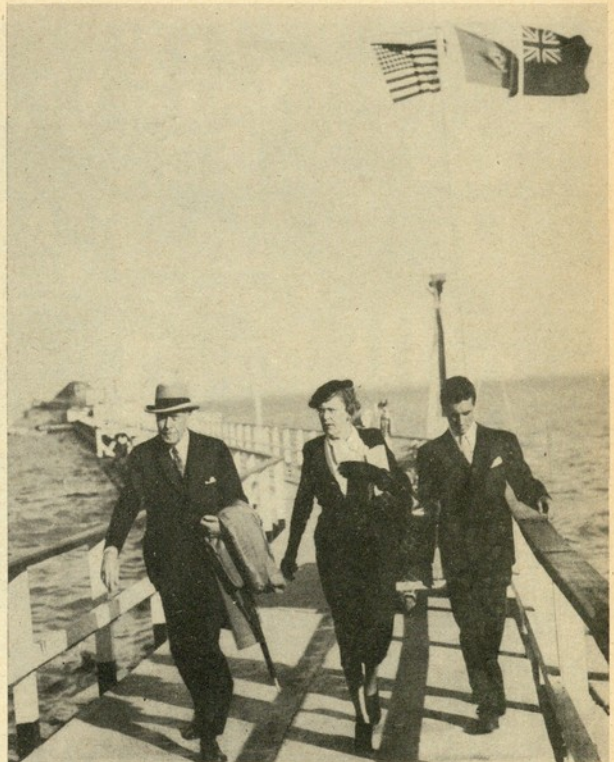
COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup> — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

**DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS**

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.<sup>a</sup> Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

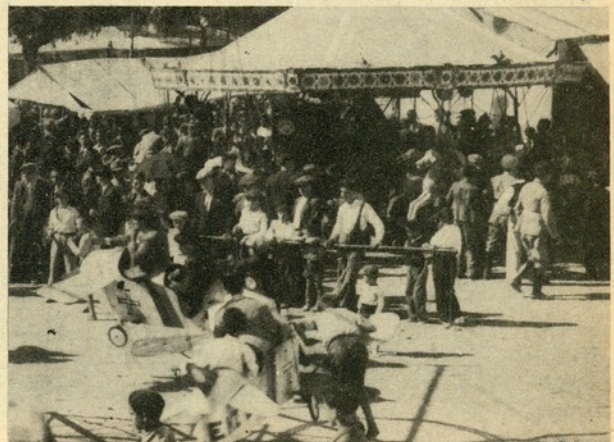
Vida **MUNDIAL**  
*o ilustrada*



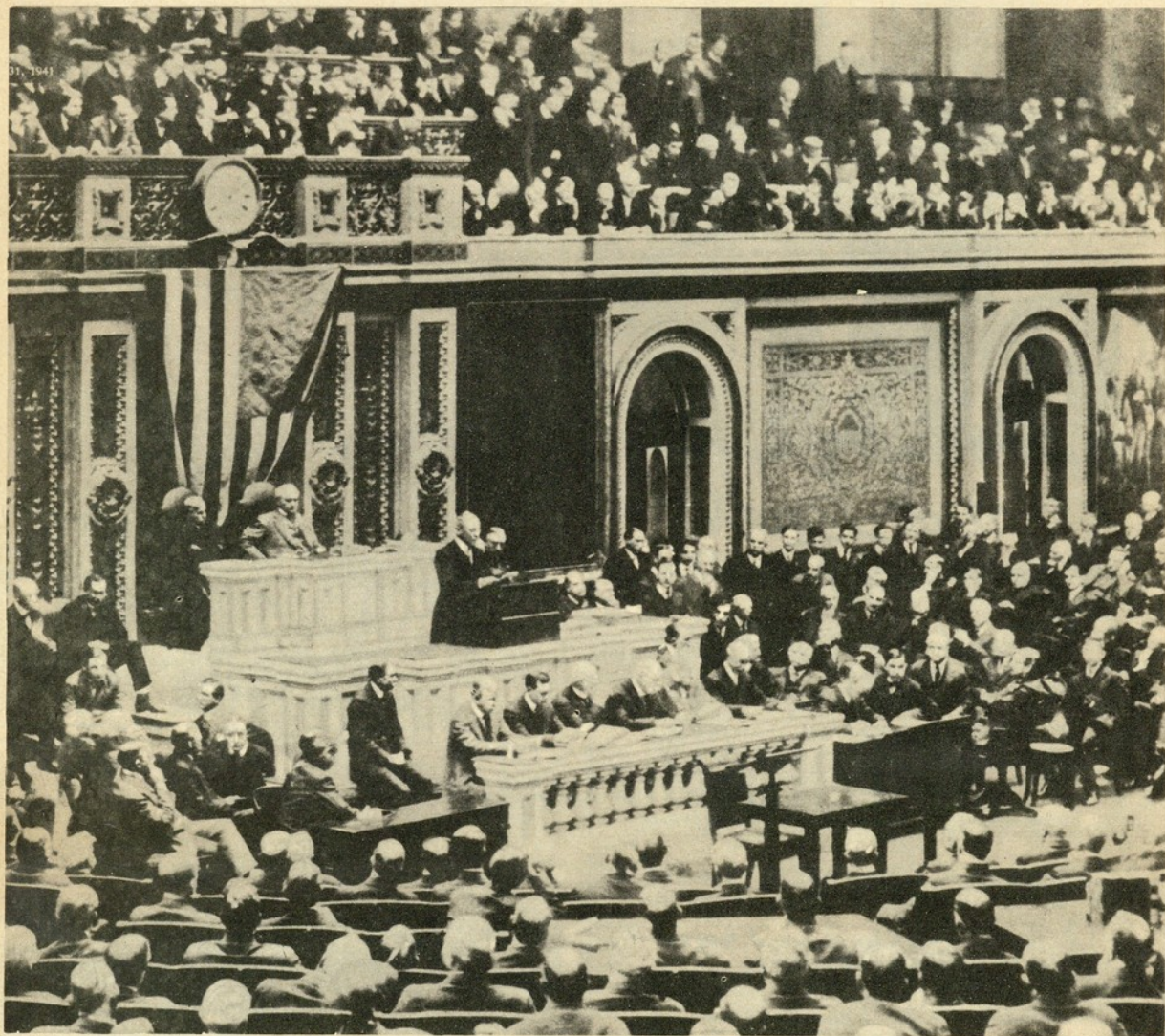
MIRON TAYLOR, enviado especial de Roosevelt junto do Vaticano, fotografado na ponte de Cabo Ruivo, quando da sua chegada a Lisboa, a caminho de Roma.



ASPECTO DO JÓGO INAUGURAL no campo de basket do Clube N. de Natação.



A FEIRA DA LUZ, que principiou no domingo passado, reuniu grande assistência.

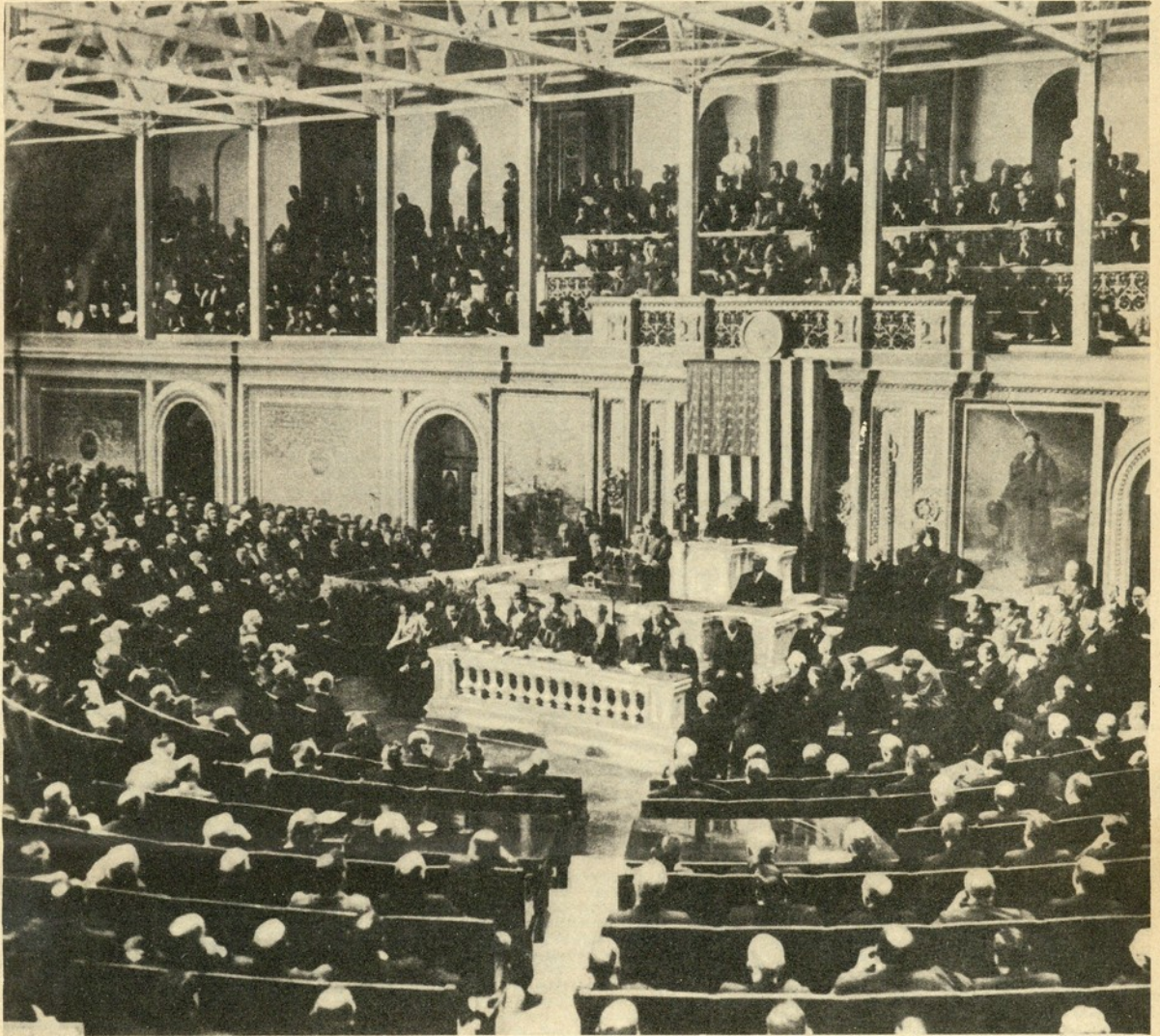


2 DE ABRIL DE 1917 — A América decide ajudar a Inglaterra. O Senado ouve a declaração de guerra lida pelo Presidente Wilson.

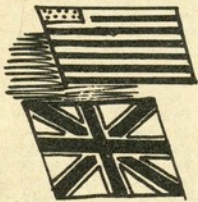


UMA REUNIÃO DO GABINETE DE GUERRA do Presidente Wilson.

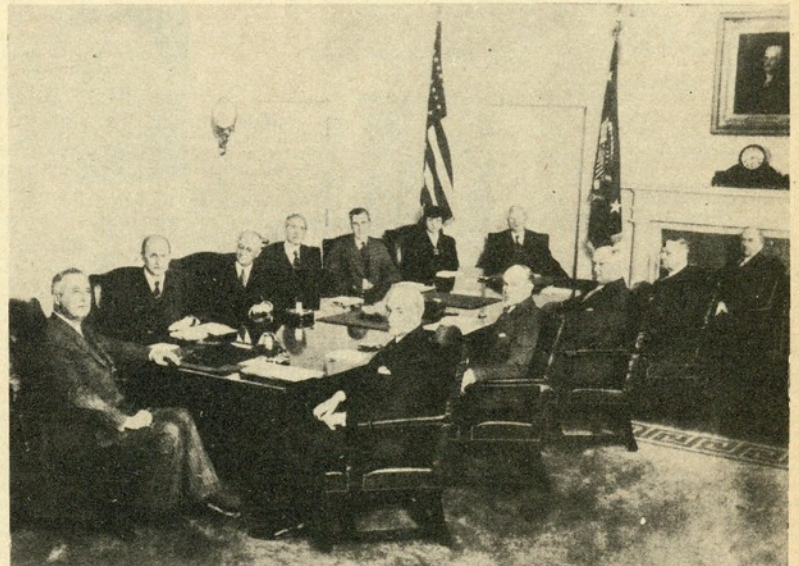
# A AMÉRICA ao lado da INGLATERRA



6 DE JANEIRO DE 1941 — A América decide novamente ajudar a Inglaterra. O Senado ouve a proposta da Lei de Empréstimo e Aluguer.



EM MENOS DE UM QUARTO DE SÉCULO, os Estados Unidos da América do Norte foram compelidos a ajudar o Império Britânico em guerra. Em 1917, o Presidente Wilson fala ao Congresso numa sessão que havia de ficar histórica. Propõe que a ajuda se traduza em esforço de guerra efectivo, que as tropas norte-americanas se juntem às forças dos aliados na Europa. «Nada é mais precioso do que a paz» — dizia êle nessa altura. Em 1941, na mesma sala do Senado norte-americano, uma nova geração ouve o Presidente Roosevelt que lhe pede créditos fabulosos para ajudar a Inglaterra. «Eu sei — disse êle — que a paz duradoura só poderá obter-se à custa dos sacrifícios de muitos povos.»



UMA REUNIÃO DO CONSELHO DE MINISTROS do Presidente Roosevelt.

panorama Internacional

# Forjas em brasa

por Francisco Velloso

**E**STAMOS assistindo aos primeiros movimentos dos colossos, lentos como o das máquinas ciclópicas que se arrastam contra o próprio péso. As urgências que já tomam, para novas e graves decisões, os aliados inimigos de Hitler, replica este, apalavrando com Mussolini, as que uma situação, dificultada pela campanha contra a Rússia, está exigindo das potências do Eixo, quasi dia a dia, diante dum adversário que safu do que os jornais ingleses já chamaram einacção suicida.

PRODUIZ! PRODUIZ!



BEVIN

Quando Lord Beaverbrook regressou dos Estados Unidos ao seu posto ministerial na Inglaterra, trouxe um *mot d'ordre*: — produzir o mais possível e o mais intensamente possível. A América, lançara êle pouco antes essa cominação urgente de um modo sacudido, segundo é seu feitio, gritando que não se produzira o suficiente e nalguns sectores se fabricava mal. O almirante Stirling e os técnicos da aviação norte americana já haviam dado o alarme, reclamando que, por uma vez, cessasse o debate na escolha de tipos de aviões de caça e de hidro-aviões.

Veio depois a voz de Roosevelt que, a 29 de Agosto, criava a grande comissão de abastecimentos para a defesa nacional. E para que se veja a magnitude da sua tarefa, basta que se abraja o total do esquemático programa em que ela assenta: os recursos americanos serão divididos em quatro principais categorias: 1.º), necessidades militares para as forças armadas; 2.º), necessidades de defesa de armas e material para a Grã-Bretanha, Rússia, China e outros países que resistam à agressão de Hitler; 3.º), necessidades civis, exigências de consumo da população não militar dos Estados Unidos; 4.º), guerra económica, pedidos feitos pela comissão de defesa económica para a América latina ou qualquer outra parte do Mundo, onde a comissão resolva serem necessárias pressões económicas para vibrar qualquer golpe contra a economia das potências do eixo. Só uma potência industrial como os Estados Unidos poderia assumir o encargo de ser, não só o arsenal, mas a forja esbrazeada e continua de armamento, do bloco enorme que hoje conglomerava as nações anti hitlerianas!

Beaverbrook não foi, porém, menos incisivo ao referir-se à necessidade urgente de levar ao rubro má-

ximo do esforço a produção britânica, e Bevin, o grande chefe operário que rege o ministério do trabalho em ligação com a *Trade-Union*, secundou os brados do seu colega, que aliás tiveram logo enorme repercussão nas oficinas e na Imprensa. Artigos incitantes e por vezes cáusticos dos jornais não hesitavam em reclamar o que se acusava de confusão.

No dia 30, Eden, em Coventry, insistia: «Precisamos de concentrar os nossos máximos esforços no desenvolvimento da produção; essa é a chave da vitória. Se os nossos homens dispuserem de todo o equipamento necessário, pode-se estar certo de que dêle farão bom uso. Eis o momento de cada um de nós, todos, fazermos quanto em nós caiba para dar áqueles que por nós se batem, as armas com que se há-de forjar a vitória».

No dia seguinte, a 31, Roosevelt voltando à carga, na declaração pública que proferiu no «Dia do Trabalho», ia ainda mais longe. Acusando muitos americanos que diariamente vão para os seus trabalhos sem pensar sequer no perigo que os ameaça, afirmou que este é hoje, em 1941, maior do que em 1939, e que só há um recurso contra êle: «fabricar armas sem cessar». É do operário norte-americano que depende a continuação da guerra.

O Mundo ouvira pouco antes certos rumores de factos que lhe prenunciavam próximos golpes decisivos ou, pelo menos, a decisiva viragem nos acontecimentos. Súbito, surgiu, na esteira da entrevista da *Potomac* este grito supremo: — produzir!

O PORQUÊ DUM AFÉ



ROOSEVELT

Houve como o que espanto ao escutá-lo e a muitos pareceu que, de repente, numa hora singularmente aguda, a máquina dos aliados emperrara por qualquer motivo. Mas seria assim? Uma simples reflexão talvez deixe entrecerrado o contrário.

No mesmo discurso de Roosevelt há um passo que encerra de algum modo o segredo de um programa de acção imediata e urgente: «A obra de derrotar Hitler poderá ser longa e árdua. Há alguns — poucos — apaziguadores e simpatizantes nazis que entendem não se poder atingir êsse fim. Pedem-me até que negocie com Hitler, para solicitar algumas migalhas da sua mesa vitoriosa. De-facto, pedem-me que seja o moderno beneditino Arnold, e que traia tudo aquilo que defendi, a minha dedicação à liberdade, às nossas igrejas, ao nosso país. É evidente que rejeitei essas sugestões e rejeitei-as novamente.»

Vê-se, pois, que, no mesmo mo-

mento em que a produção norte-americana aumentara já surpreendentemente, houve, diante das perspectivas do aceleramento frenético da guerra, uma tentativa, também suprema (e os boatos de tal chegaram a zumir) para uma composição mediadora de carácter pacifista.

Ora, a esta segunda tentativa, que vem atrás e no mesmo sulco da de Hess, e contra a qual, como se sabe, Eden fêz há pouco tempo a prevenção contra-offensiva e prenunciatória — o presidente, como à primeira, ripostou com a rejeição pura e simples, com o apêlo febril ao acréscimo da produção para a guerra, com a afirmação mais clara do que nunca, de que é preciso vencer Hitler. A declaração seguinte de Roosevelt de que os Estados Unidos vão tomar a seu cargo a escolha dos combóios marítimos, deixando à armada inglesa, flanqueada pela holandesa e pela russa, a missão da batalha, não só reforça a resolução assim expressa, mas apresenta, com clareza, o alinhamento da nação norte-americana na frente mundial contra o nazismo.

Não é, pois, de encarar a imperativa necessidade de produzir mais e melhor como verificação dum erro ou duma deficiência, mas em função da nova fase de ataque que à guerra fôra decidido imprimir na conferência do Atlântico. É urgente levar a maior ritmo o esforço industrial norte-americano porque maior vai ser ou já começou a ser o ritmo da guerra.

ENTRE O PÉRSICO E BAKU



XA RIZA PALAVI

E os acontecimentos, efectivamente, evoluem em torno d'isto mesmo. O caso da Pérsia, visto à luz do que acabamos de apontar, é a ocupação d'uma posição essencial de ataque, mais do que a vedação urgente duma brecha na muralha dos aliados que circunvolve o velho continente dominado por Hitler, muralha de cada vez mais real e poderosa, embora não tão fechada que, por oeste e sul, impeça que a Alemanha ainda seja abastecida todos os dias e tôdas as noites e precisamente do lado do Atlântico e pelos porões de navios dos seus próprios inimigos ou de neutrais.

Cessadas as hostilidades que haviam começado na Pérsia, mudado ali o governo, rendido o rei Palavi (que desde 1926 nunca fôra pessoa simpatizante com Londres) à evidência dos factos — tudo graças à rapidez da acção militar russo-inglesa, cujo comando mostrou saber fazer como os alemães fazem — as negociações começaram. Na capital britânica esperava-se a 27 um acôrdo rápido. A 4 de Setembro ainda a êle não se chegara. É certo, no entanto, que o novo chefe do governo Furughi, já asse-

verou no parlamento que desejava a paz com Londres e Moscovo, e não há dúvidas de que tanto uma como outra somente querem garantir-se as posições estratégicas, o petróleo e as comunicações com a Rússia, estas últimas já em começo de utilização. Os poderes da soberania persa ficam respeitados. Um empréstimo foi oferecido ao Xá, que assim vê igualmente assegurados os riquíssimos rendimentos da corôa na exploração petrolífera, miragem jámais despidiçanda naquelas paragens de entradas asiáticas. A declaração de solidariedade norte-americana com ingleses e russos é abonação valiosa desses compromissos. Uma no Golfo Pérsico, outra na zona de Baku — a Inglaterra e a Rússia possuem as chaves do corredor persa. E é de prever que as negociações sejam encerradas sem maiores dificuldades em regime de ocupação militar fiscalizadora.

A MARÉ DO PACIFICO



MUSSOLINI

Uma das consequências mais importantes da acção anglo-russa na Pérsia, a par da defesa da Índia e da ocupação total das posições do Próximo Oriente antecipada a os alemães, foi que Mussolini se forneceu uma solução derivante ao problema aberto no Pacífico às comunicações entre os Estados Unidos e a Rússia, por Vladivostok. É muito mais perto levar os abastecimentos de Nova Iorque e Boston ao Golfo Pérsico, pelo Atlântico, a caminho de Moscovo. O caso de Dacar, previsto a tempo em Washington avulta imediatamente em interesse político-militar, e os que antevêm o descaimento da guerra para oeste não andam positivamente a sonhar nos espaços interplanetários. O armamento a todo o transe feito na Serra Leoa pela Inglaterra e pelos Estados Unidos, num dos ângulos de irradiação da África Equatorial, quer dizer isso mesmo — quando as vistas através do deserto do Sára para a África do Norte francesa, são aprestadas, sob vistas germânicas, a tôda a pressa, apontando ao Senegal.

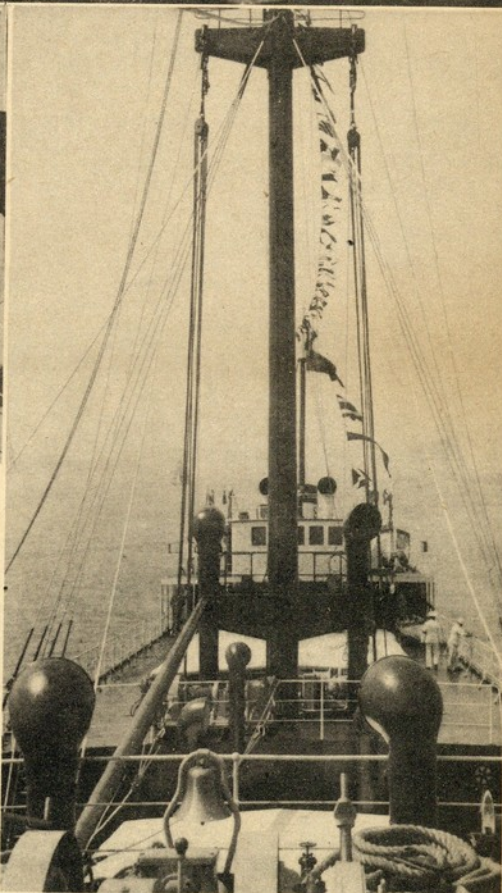
Ora, as negociações do embaixador Nomura foram quasi simultâneas ao rasgar de horizontes na Pérsia. Depois, a atmosfera entre Washington e Tóquio descarregou-se. A 27, deu-se a diligência do embaixador japonês Tatekawa em Moscovo, à qual Molotov respondeu que os fornecimentos norte-americanos à Rússia nada tinham que ver com a segurança do Japão, desde que êste não os interrompesse, resposta que coincidiu com a nova declaração de Cordell Hull de que a liberdade dos mares era intangível. No dia seguinte o príncipe de Konoye expedia uma men-

(Conclue na pág. 14)

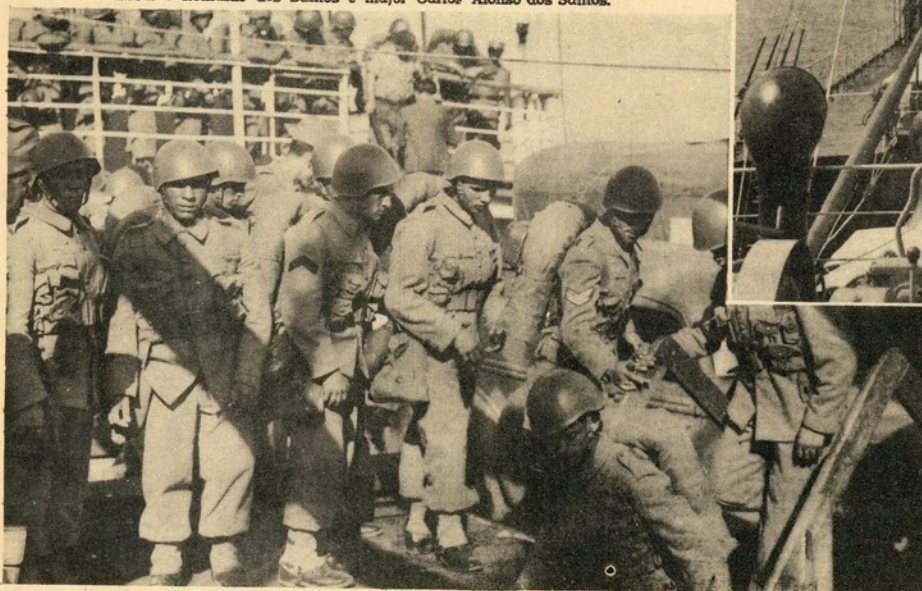
# Acontecimentos da SEMANA



**APÓS A SUA CHEGADA A LISBOA,** a Embaixada Especial ao Brasil foi cumprir o último acto da sua missão: a entrega ao sr. Presidente da República da espada de general de divisão do Exército brasileiro, homenagem com que o governo do país irmão consagrou as preclaras virtudes pessoais e militares do Chefe do Estado. A foto, em cima, à direita, fixa o momento da cerimónia da entrega. A foto em cima, à esquerda, dá-nos um aspecto da recepção que, em honra da Embaixada Especial, se efectuou na Embaixada do Brasil. Da esquerda para a direita, os srs. drs. Augusto de Castro, Júlio Dantas, Araújo Jorge, embaixador do Brasil em Lisboa, e Reinaldo dos Santos e major Carlos Afonso dos Santos.



**EM CIMA:** O novo barco mercante «Costeiro II», da C. U. F., que ultimamente efectuou as suas primeiras experiências de navegabilidade no rio.



**À ESQUERDA:** Um aspecto da partida, no «Lourenço Marques», de mais um contingente militar que vai reforçar a guarnição do arquipélago dos Açores. Antes do embarque, o destacamento foi passado em revista pelo sr. major-general do Exército e outros oficiais.

*„Allô, Portugal!  
Aqui Alemanha.”  
„Fala a emissora alemã de ondas curtas.”*

**NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA**  
(TODOS OS DIAS)

HORAS	POSTOS	METROS	KCS.
16.15 às 16.30	DZH	20,75	14.460
	DZE	24,73	12.130
	DXS	19,79	15.160
18.45 às 19.00	DJD	25,49	11.770
	DJC	49,83	6.020
20.30 às 20.45	DJO	19,62	15.280
21.30 às 21.46	DJO	19,62	15.280
	DZC	29,16	10.290
21.45 às 22.00	DJD	25,49	11.770
	DJC	49,83	6.020
0.00 às 0.15	DJO	19,62	15.280
	DZC	29,16	10.290
	DZE	24,73	12.130
2.00 às 2.15	DZO	29,16	10.290
	DZE	24,73	12.130

**ACTUALIDADES EM LINGUA PORTUGUESA**  
(TODOS OS DIAS UTEIS)

HORAS	POSTOS	METROS	KCS.
22.30 às 22.50	DJO	19,62	15.280
	DZC	29,16	10.290
	DZE	24,73	12.130
23.30 às 23.45	DJO	19,62	15.280
	DZC	29,16	10.290
	DZE	24,73	12.130
2.15 às 2.30	DZC	29,16	10.290
	DZE	24,73	12.130

**PANORAMA INTERNACIONAL**  
**FORJAS EM BRAZA**

(Continuação da página nove) Por Francisco Velloso

sagem a Roosevelt, documento destinado a estabelecer base de negociações efectivas. Navios norte-americanos já descarregavam em Vladivostok. Washington declarava-se pronta a concessões latas, mediante garantias japonesas. A maré do Pacífico deixou de subir. O bambú nipónico oscilou com menor angulação. A 2, o Japão renovava as reclamações à Rússia sobre o transporte de material de guerra no Pacífico Norte, meio de pressão em Washington e jôgo de gestos em cobertura diante de Berlim. A 3, aparecia em Washington a notícia — desmentida — de que fôra proposto um encontro de Roosevelt com Konoje no alto-mar, e de que o abastecimento militar da Rússia poderia fazer-se pela Pérsia... O vento amainava sobre o maior oceano do Mundo.

**A REACÇÃO DO «EIXO»**



VON PAPEN

Diante de tudo isto, entre 25 e 29, as duas potências do «Eixo», representadas por suas cabeças, entendiam-se em conferência no Quartel General do «Führer» na frente oriental. Guardada em segredo, a notícia estalou nos últimos dias de Agosto. Não foi sensacional porque era de descontar que Hitler ande atento às mudanças de cenário e de comparsas no palco do

adversário. Setembro, o seu mês astrológicamente querido, está a entrar. Os problemas agravaram-se. Os inimigos passam à ofensiva. Os Estados Unidos crescem de poder ameaçador. A campanha da Rússia não tem ainda solução, depois da terceira ofensiva conduzida por Von Blok, que não a pôde levar até ao fim, já às bocas da inverneira. Hitler não é homem que recue diante de casos como este. O seu estado-maior, menos ainda. Mussolini tinha de vir conferenciar. O amanhã da guerra, por parte do «Eixo», deve ter sido traçado entre os dois próceres, tal como para os aliados o foi entre Roosevelt e Churchill.

De facto, a ocupação da Pérsia pelos anglo-russos vem deixar outra vez em foco a Itália, já sobrecarregada com os países ocupados a seu cargo, e reabre a questão do Mediterrâneo em torno da atitude turca. Ankara é agora para o «Eixo» uma posição central preciosa. Von Papen não foi ali feliz, a despeito da sua habilidade inteligente e dúctil. A explosão da Pérsia não moveu a Turquia. A Alemanha tem ali apenas a sorte dos seus pactos económicos, que o inglês pode bater oferecendo à Turquia as matérias primas de que mais precisa, por terra e pelos portos da Ásia Menor. O embaixador alemão foi chamado a Hitler, mas só depois da sua conferência se saberá se volta e com que programa: — o da força, por mão de Von List e das suas divisões blindadas, ou o da manha e artificio perfurantes.



DURANTE OS EXERCÍCIOS CONTRA ATAQUES AÉREOS EFECUTADOS NA PÓRTO, as crianças da Colónia da Foz do Douro são evacuadas em camioneta:



OS SAPADORES MINEIROS improvisam uma ponte sobre o rio Leça, próximo da Ponte da Pedra, para facilitar a evacuação da população.

tro pontos da que será Mensagem de Berlim. Não os apreciem antes de formulados por quem de direito. Basta desenhar o traço deste movimento de reacção inevitável quando os horizontes autonais no ocidente ampliam doravante, aos olhos dos incrédulos ou menos crédulos, os planos de uma fase da guerra que, embargados pela resistência russa os caminhos de leste, a Alemanha, bombardeada dia e noite pela R. A. F., tem de seguir até ao fim, aproveitando os seus recursos. Roosevelt *dixit*: «Aviso solenemente aqueles que pensam estar Hitler bloqueado e detido, de que laboram na mais perigosa convicção. Quando em qualquer guerra os nossos inimigos parecem fazer progressos mais lentos do que no ano anterior é esse o momento preciso para os atacar». Os dois chefes do «Eixo» devem ter ventilado este mesmo problema nos cinco dias da sua conferência, tão histórica como as duas últimas no Brenner.

Como complemento, as fôlhas aterroram, via *Popolo d'Italia*, a informação de que o chefe alemão ia finalmente contrapor aos oito pontos da Mensagem do Atlântico, qua-

HEROISMO



Não há mais sonora palavra do que esta: heroísmo! E todavia o heroísmo é uma coisa normal, vive dentro de todos nós os que lutamos simplesmente pela vida. O heroísmo é tão natural, como o amor, como a verdade. A

dureza da própria existência obriga as almas a sentimentos heroicos e, por muito que digamos a nós próprios que, quanto menos espectaculosos forem os sentimentos e as atitudes, melhores e mais nobres são, ainda assim, é sempre com entusiasmo que tomamos conhecimento de qualquer acção que o heroísmo ditou, com maior ou menor espavento.

Cabe agora a vez a Lady Mac Robert, uma senhora inglesa a quem a guerra já roubou três filhos, de atirar ao mundo o seu gesto heroico: juntamente com um cheque de 25 mil libras destinadas à compra de um bombardeiro para a R. A. F., uma carta cheia de bravura.

Tendo dado já à pátria os seus amores, esta mãe nobre dá também o seu dinheiro e palavras de incentivo à continuação da luta, até à vitória.

Ninguém pode negar o heroísmo deste gesto, o que é de tem de generoso e com certeza de sincero, pois há sentimentos tão sagrados que ninguém os utilizará como razão de atitudes gah-lharças, apenas.

A carta, a dádiva desta mãe inglesa, fez-me pensar. Dar os filhos à pátria é, infelizmente, normal. As mães pobres também os dão, porque a Pátria é exigente e impõe o sacrifício aos seus filhos. Não precisa que lhes dêem, ela arrebatá-os.

Então, o gesto de dar, neste caso, nada tem de heroico. Heroísmo pode haver, sim, em os perder resignadamente.

Vem em seguida a dádiva rica de um bombardeiro. É preciso que a luta continue. Esta mulher, esta mãe põe o amor à pátria acima de todos os amores. Isto, sim, é bravura, porque a mulher ainda aceita para si, na parte do sacrifício, mesmo heroico, aquele, não menos duro, de dar a alma à morte, ficando o corpo vivo.

Eu admiro sempre os movimentos de beleza, principalmente os das mulheres, e, em especial, das ricas, que nunca lutaram... nem sequer pelo pão dos filhos, mas — e isto será talvez excesso de meridionalismo — porque não havemos nós de dar a própria vida, lutando pela causa que queremos defender? Dar a dos filhos não será mais doloroso? Dar dinheiro, tendo-o, não será fácil demais? Os filhos, não somos nós que os damos, são eles que vão, por dever, pois nenhuma mulher, digna desse nome, ensina ao homem que sai do seu ventre, a palavra deserção. O dever é ainda qualquer coisa de sério para os que correm a cumprir-lo, olhos postos na vitória; e não menos sério para os que o cumprem, com medo do castigo infligido à desobediência.

Quando num peito feminino arde tão alta a chama do patriotismo, essa mulher, depois de dar a carne da sua carne, não dá apenas dinheiro, mas a vida também.

Há, de-certo, entre os homens que lutam, lugar para uma mulher que, depois de ter perdido os filhos, conquistou, com a sua dor, o direito de morrer bem!

Mais de todo o mundo, que perdem os filhos e estalam de dor, silenciosamente, num heroísmo ignorado, mais humildes, de cujas mãos pobrezinhas foi arrancado o único tesouro — o coração — e não podem dar senão as suas lágrimas, como eu as recordo neste momento em que se louva o heroísmo de outra mãe!

Sem deixar de me merecer todo o respeito o movimento generoso de Lady Mac Robert, é em vós que eu penso, mais humildes, que têm, para

opor ao assalto invasor, apenas o corpo, em defesa do filho amado, cujos gritos de angústia e brados de fé se perdem no espaço, sem que um só jornal os relate, heroísmo simples, tão anónimo como o dos vossos filhos, que não ficará ligado a um nome nas páginas da História, e pertencerá apenas a uma época. Que se abram para vós as páginas de amor de todos os corações que sofrem a vossa dor humilde.

Sem palavras, sem cartas, sem dádivas — porque deram quanto possuíam — a hora que passa é a suprema do vosso calvário de amargura, mulheres ignoradas, que dão apenas lágrimas, essas que têm sido as suas companheiras quando lutavam pela vida de-fé e quando sofreram a sua morte.

A R. A. F. tem um bombardeiro mais, diz-o o jornal, onde se lê o nome de quem o ofereceu. A R. A. F. tem milhões de vidas, arrancadas a quem não tinha mais para dar e os nomes dessas mulheres não se lêem, não se lerão em parte alguma.

Chorem baixinho, mulheres de todo o mundo, estrangulem os vossos gritos. A grande dor é silenciosa, estarrapada, humilde; a vossa dádiva é pobre, é uma esmola de pobre.

«Olhos postos no alvo, até à vitória», eis uma frase heroica que mãe dolorida assinou. Curvemo-nos com respeito. Mas para vós, tristes mulheres pobrezinhas, cujo alvo tem sido o vosso coração, vai todo o meu amor. A grande dor é muda. Abatem os vossos gritos, morram como viveram, em silêncio. No meio de toda a desgraça, felizes são ainda aqueles que podem ser heroicos, a falar, a dar, a escrever, a sofrer... mais vivos!



processo Anadia Mahidal se defende do fogo! Esta de se usar como título de honra: «Proprietária de vinte e quatro chapéus de chuva» é, na verdade, uma coisa reinadial!

Tem 16 anos este rei!

Com a breca, já nasceu numa época em que tinha obrigação de aprender que o trunfo é espadas... não é guarda chuvas!



A quinta a que me retiro abriu as suas portas acolhedoramente a um ca-

A PROVA DE CHUVA

sar de refugiados, marido e mulher que se uniram pelos sagrados laços do amor quando os seus países não eram beligerantes, provando assim, mais uma vez, que o amor desdenha raças e ódios.

Ela é loira, um nadinha forte, grandes pés, grandes mãos e de-certo grande coração, pois só assim lá poderia guardar um marido ostentando um metro e noventa. Estão entre nós desde o começo da guerra, que os apanhou no país da loira esposa, e é ele é inalés.

Encontrei-os almoçando na quinta dos meus amigos, honrando a cozinha portuguesa.

A certa altura o dono da casa, promete mostrar-nos, no fim da refeição, nada mais, nada menos que um fenómeno: a sua vaca, Boa Nora, dera à luz um bezerro com duas cabeças.

Mr. Smith exclama, pousado pela primeira vez o garfo:

— Duas cabeças! Mas isso é admirável! Oh! quem as tivesse!

Olhamo-nos surpreendidos ouvindo expressar tão singular desejo. Mas eis que ele explica:

— Com a minha idade... escusava de ter fugido! Duas cabeças! Sempre podia ouvir a B. B. C. e ainda fica uma...

P. S. — Na minha referência à parte literária da revista «Retiro dos Pcautos» chamo-lhe, com este imperdoável hábito de trocar os nomes com que o destino me herdou, «Ze dos Pcautos». Que Luis de Oliveira Guimarães me perdoe. Retiro o Ze, e deixo os Pcautos. Só a muita admiração pela sua coragem de paladino da revista eu não retiro, muito pelo contrario.

A. O.



NA COMÉDIA «O PAI TIRANO», que se estreia no próximo dia 19 de Setembro. ARTUR DUARTE reaparece como ator após longa ausência. A seu lado e interpretando os principais papéis masculinos, vamos ver os extraordinários artistas cómicos VASCO SANTANA e RIBEIRINHO. «O PAI TIRANO» apresenta-se como a primeira produção ANTONIO LOPES RIBEIRO, que é também o realizador.

# O que sei do que vi na Exposição do Mundo Português

TESTE ORGANIZADO POR F. DE CARVALHO HENRIQUES

Não é provável que nos anos mais próximos tenhamos no nosso País outra exposição tão interessante e tão útil, como a Exposição do Mundo Português.

É, pois, de supor que todos os que visitaram a Maravilha de Belém venham a ter bastas oportunidades de contar à geração de amanhã o que ali viram e sentiram ante a representação da Extraordinária Aventura do Povo Português, através dos séculos.

Mas serão, de certeza, aqueles que mais motivos de interesse encontraram na Cidade da História e que deles melhor se recordarem, quem, com maior brilhantismo, poderá descrever o que foi a Exposição aos outros que a não viram.

Desta maneira, não seria deveras curioso fazermos um pequeno exame a nós

próprios, a fim de ficarmos com uma idéia do que sabemos daquilo que vimos em Belém?

Além do assunto da nossa auto-análise não poder ser mais sugestivo, acresce ainda a vantagem de tal experiência nos dar simultaneamente uma indicação sobre o poder da nossa atenção e a precisão da nossa memória.

A magnífica Lição de História, que nos fez compreender tanta coisa de nós próprios, como povo, apresenta assim mais a inesperada utilidade de contribuir para que nos fiquemos conhecendo melhor, como indivíduos, no que respeita a dois dos mais preciosos elementos da estrutura mental — a atenção e a memória.

## COMO SE PROCEDE

Nesta ordem de idéias se prepararam 4 séries de exercícios, que constituem o que em Psicologia Aplicada se chama um «teste», e que «Vida Mundial Ilustrada» vai publicar em 4 números sucessivos.

A série com que vamos começar a «nossa época de exames» compõe-se de 25 exercícios de duas espécies.

Uns são formados por frases incompletas, apresentado-se para cada uma cinco maneiras diferentes de a completar. Contudo, apenas uma destas alternativas é verdadeira, quer dizer, entre as 5 maneiras diferentes de completar cada frase, só uma a torna exacta.

Por exemplo: O documento que, na Exposição, se via dentro de um cofre era

1. O tratado de Tordesilhas.
2. O Foral de Lisboa.
3. A Crónica de D. João I.
4. O Testamento de D. Afonso I.
5. O Missal de Lorrão.

A alternativa escolhida é a marcada com o n.º 2, ficando a frase exacta como segue:

O documento que, na Exposição, se via dentro de um cofre era o Foral de Lisboa.

Os restantes exercícios são constituídos por outras tantas fotografias para as quais há que escolher as respectivas legendas que se encontram entre as palavras ou frases apresentadas com esse fim. Análogamente ao que acontece com as frases incompletas cada fotografia só tem uma legenda exacta.

O leitor terá, pois, de marcar na Tabela das Respostas, à frente do número indicativo de cada frase incompleta ou de cada fotografia o número do final de frase ou de legenda que considera verdadeira. Na página seguinte dão-se quatro Tabelas de Respostas para serem preenchidas por outras tantas pessoas, depois de separadas pelo ponteador.

Uma vez preenchida a Tabela das Respostas, confronta-la-á o leitor com a Tabela Padrão, da página 19, marcando com uma cruz as frases que não completou ou completou erradamente e as fotografias que não identificou ou identificou com inexactidão.

É claro que ninguém pensará em fazer «batota» consultando a Tabela Padrão antes de preencher a Tabela das Respostas.

O resultado final será dado pela diferença entre 25 e o número de erros indicados pelas cruzes, visto que por erros se contam tanto as inexactidões como as faltas.

20 exercícios exactos representam um resultado muito satisfatório.

É evidente que estes exercícios não pretendem, nem por sombras abranger todos os pontos interessantes da Exposição. Pretende-se somente fornecer a cada leitor um meio para obter uma indicação de quanto tem na memória do que viu na Exposição.

Considerar a coisa de outro modo era o mesmo que admitir que para o examinador fazer idéias do que sabe o examinando necessita de o interrogar sobre todo o programa do curso. Ora como se sabe, basta muitas vezes umas «perguntas de algebeira» para conhecer quais são as habilitações do aluno.

Não esquecer, ainda, que, no nosso caso, professor e aluno são uma e mesma pessoa — o Leitor.

E posto isto:

Que sabe o leitor do que viu na Exposição do Mundo Português?

## PAVILHÕES DA FUNDAÇÃO, FORMAÇÃO E INDEPENDÊNCIA

1. O principal ornamento exterior do Pavilhão da Fundação era

1. A Cruz de Cristo.
2. A Flor de Lis.
3. O Selo do Conquistador.
4. A Espada de D. Afonso I.
5. O Escudo do Fundador.

2. Na Sala de D. Afonso Henriques viam-se

1. As reproduções da espada do Rei e da pia batismal onde se bñtizou.
2. O elmo e a reprodução da espada do Rei.
3. A espada e o elmo do Rei.
4. A espada do Rei e a reprodução do seu elmo.
5. A espada do Rei e a reprodução da pia batismal onde foi bñtizado.

3. No Pavilhão da Fundação também se admiravam as estátuas de

1. Gualdim Pais — Mendes da Maia, o Lidador — Geraldo, o Sem Pavor.
2. João das Regras — Egas Moniz — D. António, Prior do Crato.
3. Mendes da Maia, o Lidador — S. Jorge — Geraldo, o Sem Pavor.
4. Álvaro Coutinho, o Magriço — Martin Moniz — Gualdim Pais.
5. Geraldo, o Sem Pavor — Mendes da Maia, o Lidador — João das Regras.

4. Era na Sala dos Castelos que estavam

1. Os arietes.
2. As catapultas.
3. As cimitarras.
4. Os virotões.
5. As bombardas.

5. S. Tiago, o patrono da ordem militar do mesmo nome, aparecia numa das paredes da

1. Sala dos Castelos.
2. Sala de D. Pé e o Império.
3. Sala das Batalhas.
4. Sala de D. Afonso Henriques.
5. Sala de Aljubarrota.

6. O mapa luminoso que, no Pavilhão da Formação e Conquista, mostrava as fases da formação de Portugal, tinha do lado oposto

1. A miniatura da Casa Municipal de Bragança.
2. A reprodução de uma máquina de guerra.
3. O fragmento de uma lança recolhido em Ourique.
4. Uma charrua coroada.
5. O elmo do cruzado Osberno.

7. A reprodução do estandarte do Miramolim tomado aos mouros na Batalha de Navas de Tolosa, também lá estava

1. Próximo da estátua de Geraldo, o Sem Pavor.
2. Junto à miniatura da Sé de Évora.
3. Em frente da estátua de D. Sancho I.
4. Na Sala da Formação e Povoamento.
5. Ao fundo da Sala das Batalhas.

8. Na sala dedicada ao fundador da Universidade de Coimbra, o dístico «Daqui saíram os naus para a Índia» identificava

1. Uma vista da Ribeira das Naus.
2. Uma alegoria ao génio do Infante de Sagres.
3. Um trecho de Calecu.
4. Uma representação simbólica do Pinhal de Leiria.
5. Um balço relêvo do estuário do Tejo.

9. As insígnias da Ordem da Jarreteira estavam representadas na

1. Sala da Europa Política.
2. Sala de D. Afonso IV, D. Pedro e D. Fernando.
3. Sala da Rainha Santa Isabel.
4. Sala da Europa Militar.
5. Sala de D. Diniz.

10. Na última sala do Pavilhão da Formação e Conquista, entre a documentação vinda de Londres, via-se o retrato de

1. D. Filippa de Lencastre.
2. Lord Nelson.
3. D. Catarina de Bragança.
4. Lord Byron.
5. John of Gaunt.

11. A comemorar a Batalha do Ameixial estava exposta, no Pavilhão da Independência, a imagem que acompanhou sempre o Conde de Vila Flor:

1. Nossa Senhora da Nazaré.
2. S. Tiago.
3. Nossa Senhora do Carmo.
4. S. Jorge.
5. Nossa Senhora da Conceição.

12. O centro da Sala da Batalha de Aljubarrota era ocupado por

1. Uma espada.
2. Um caldeirão.
3. Um altar.
4. Uma bombardas.
5. Uma lança.

13. Entre os retratos das principais figuras da Restauração, viam-se os de

1. João Pinto Ribeiro e Damião de Goes.
2. D. António de Almada e Padre António Vieira.
3. Padre António Vieira e João de Barros.
4. Damião de Goes e D. António de Almada.
5. João de Barros e João Pinto Ribeiro.

14. Um dos dioramas do Pavilhão da Independência representava

1. D. Filippa de Lencastre armando os filhos cavaleiros.
2. O feito de Egas Moniz durante a tomada de Lisboa.
3. Os conspiradores no Palácio de Queluz.
4. A morte de Martin Moniz às portas de Santarém.
5. D. Filippa de Vilhena na madrugada do 1.º de Dezembro.

15. O mapa em relêvo das linhas de Tórres Vedros podia estudar-se na

1. Sala de D. João I.
2. Sala de 1640.
3. Sala da Europa Militar.
4. Sala da Guerra Peninsular.
5. Sala de D. João IV.

## OS EDIFÍCIOS DA EXPOSIÇÃO

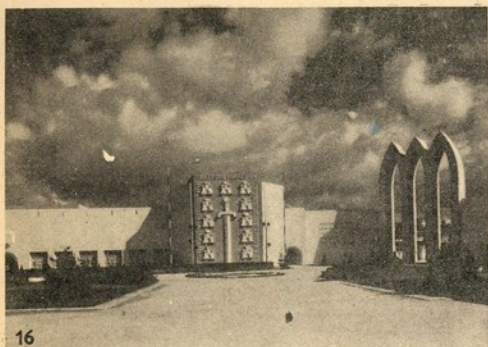
Escolher entre as legendas abaixo apresentadas aquelas que identificam as fotografias da página seguinte, numeradas de 16 a 25

1. O Pavilhão de Angola e Moçambique.
2. O Pavilhão da Arte Indígena.
3. O Pavilhão do Brasil.

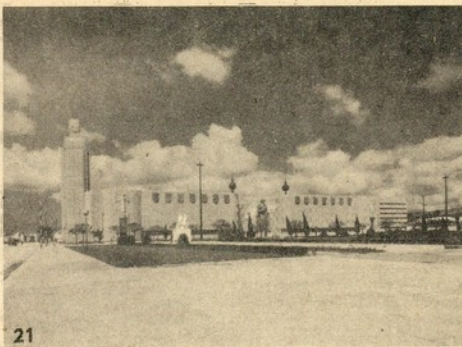
4. O Pavilhão de Caça e Turismo.
5. O Pavilhão das Colónias Insulares.
6. O Pavilhão da Colonização.
7. O Pavilhão dos Descobrimentos.
8. O Pavilhão da Formação e Conquista.
9. O Pavilhão da Independência.

10. O Pavilhão de Lisboa.
11. O Pavilhão das Missões Católicas.
12. O Pavilhão da Ourivesaria.
13. O Pavilhão dos Portugueses no Mundo.
14. A Casa de Santo António.
15. A Secção da Vida Popular.





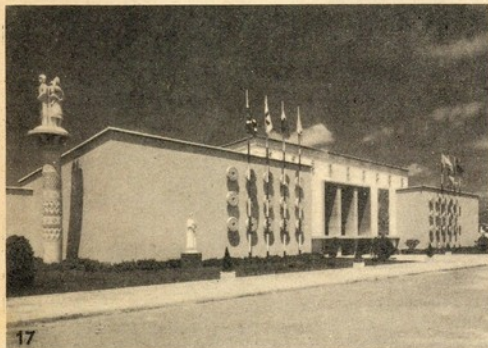
16



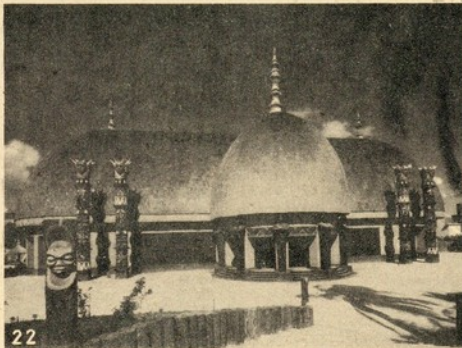
21

### RESPOSTAS

- 1 .....
- 2 .....
- 3 .....
- 4 .....
- 5 .....
- 6 .....
- 7 .....
- 8 .....
- 9 .....
- 10 .....
- 11 .....
- 12 .....
- 13 .....
- 14 .....
- 15 .....
- 16 .....
- 17 .....
- 18 .....
- 19 .....
- 20 .....
- 21 .....
- 22 .....
- 23 .....
- 24 .....
- 25 .....



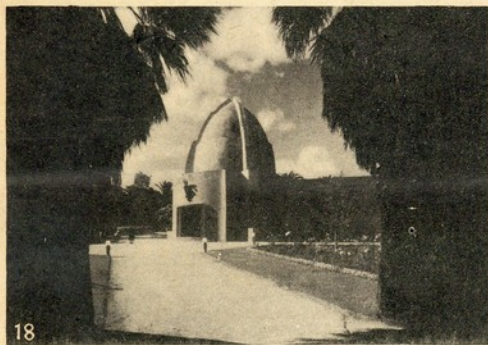
17



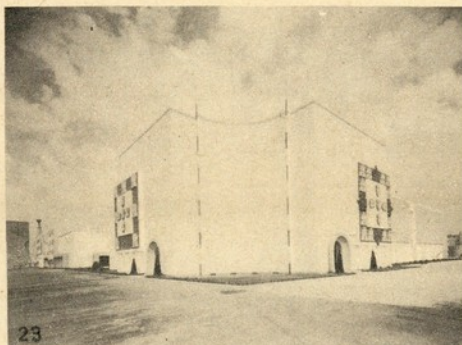
22

### RESPOSTAS

- 1 .....
- 2 .....
- 3 .....
- 4 .....
- 5 .....
- 6 .....
- 7 .....
- 8 .....
- 9 .....
- 10 .....
- 11 .....
- 12 .....
- 13 .....
- 14 .....
- 15 .....
- 16 .....
- 17 .....
- 18 .....
- 19 .....
- 20 .....
- 21 .....
- 22 .....
- 23 .....
- 24 .....
- 25 .....



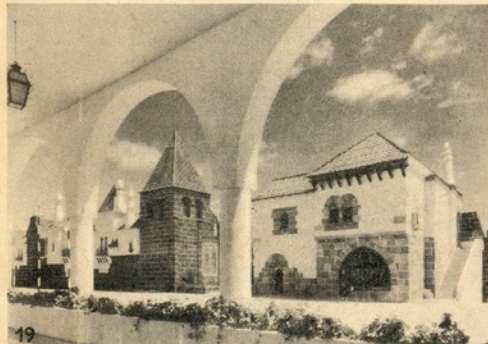
18



23

### RESPOSTAS

- 1 .....
- 2 .....
- 3 .....
- 4 .....
- 5 .....
- 6 .....
- 7 .....
- 8 .....
- 9 .....
- 10 .....
- 11 .....
- 12 .....
- 13 .....
- 14 .....
- 15 .....
- 16 .....
- 17 .....
- 18 .....
- 19 .....
- 20 .....
- 21 .....
- 22 .....
- 23 .....
- 24 .....
- 25 .....



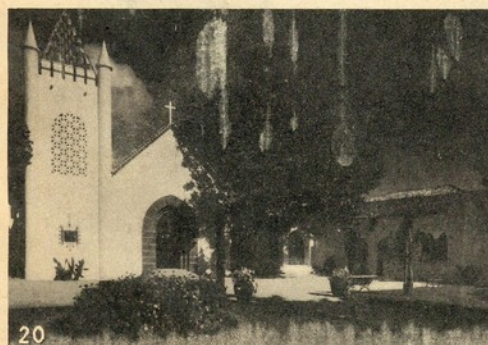
19



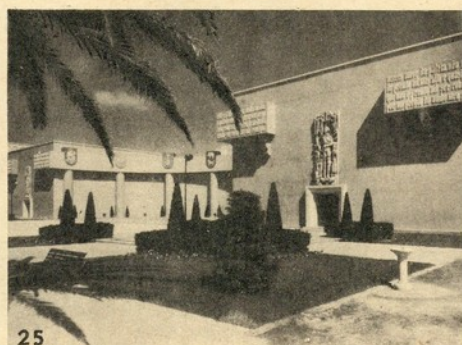
24

### RESPOSTAS

- 1 .....
- 2 .....
- 3 .....
- 4 .....
- 5 .....
- 6 .....
- 7 .....
- 8 .....
- 9 .....
- 10 .....
- 11 .....
- 12 .....
- 13 .....
- 14 .....
- 15 .....
- 16 .....
- 17 .....
- 18 .....
- 19 .....
- 20 .....
- 21 .....
- 22 .....
- 23 .....
- 24 .....
- 25 .....



20



25

# Um estranho amor

por ESTER CORTE-REAL

**C**ONHECI Jack e Evelyn Stuart — disse Guilherme —duma forma um tanto imprevisita. Foi no Estoril, num dia de verão, radiante. Findo o banho, estendera-me na areia, sob os raios de sol ardente. A praia, o mar, o céu eram uma sinfonia de oiro e azul, onde havia poalhas luminosas e vibrantes tons metálicos. O calor, a luz, o «brou-ha-ha» constante da multidão irrequieta e colorida que saltitava alegre em meu redor, devagar me foram mergulhando numa suave «réverie». Semi-cerrando os olhos, cuidava ver os corpos róseos que ligeiras malhas apenas cingiam, erguerem-se e correrem uma tarândola impetuosa e louca.

Súbito, surgiram do mar dois entes que, na sua beleza harmónica e perfeita, pareciam ser a materialização completa da força gloriosa que, como um fluido, irradiava das almas e das coisas. Eram eles: Jack e Evelyn. E hoje e sempre os hei-de ver assim, mau grado a tragédia que lhes ensombrou as existências...

Sorriam enlevados. Doirava-lhes o sol os cabelos e o amor as almas... E eram, coroados de oiros, fortes e belos, a imagem suprema da Ventura. Caminhavam, afastando-se, até perderem-se na linha distante do horizonte. Uma hora passada, resolvi erguer-me e seguir, passeando, o mesmo rumo. Já longe da praia, eu ia, consoante o meu capricho, buscando caminho entre os rochedos que começavam avultando. E foi então que novamente vi, não já o par, mas só a jovem que, desequilibrando-se, escorregara entre dois límosos pedregulhos e, um pouco aflita, demandava auxílio. Estendi-lhe a mão para a ajudar.

— «Thank you, sir» — disse ela. — E logo a seguir, naquela pronúncia hesitante e mimada das inglesas, tão linda nuns lábios jovens e formosos, continuou em português:

— Salvou-me dum perigo!... Jack desapareceu e eu ia mergulhando... Depois, já esquecida do susto, debruçou-se para a água, enquanto a sua voz retinha vibrante, chamando-o... Jack apareceu finalmente. Fêra mais longe em busca de mariscos, num entusiasmo... Evelyn contou o salvamento e êle, num sorriso franco, estendeu-me cordalmente a mão.

Ficámos, desde então, amigos. Momentos depois sentávamo-nos num «bar», tomando «whisky»; e de aí por diante, numa afinidade rara de predilecções e gostos, numa cadeia de sincera simpatia, nos juntámos para distrações e tédios daquelas férias ligeiras. Camaradas leais, nunca a nossa amizade foi perturbada pela nuvem mais ténue. Evelyn era bela; mas a afeição que os unia, formava um escudo onde iria despedaçar-se o amor, por ridículo, e, por vil, o desejo.

Inglêses de origem, tinham vindo aqui construir o ninho, como aves de sombrias terras que buscam um país de sol... Durante três anos ou mais, gozei do seu convívio. Eles amavam a Natureza, o movimento, a arte... e talvez por amarem tudo o que é belo, se queriam tanto um ao outro.

E, quando a mesquinhez da vida me entediava, acolhia-me nos seus ingénios corações.

Um dia Jack lembrou-se de visitar a Itália. Foi e regressou páldio, acabado... Uma sombra de quando partira! E contou-me: fizera alpinismo, uma queda inutilizara-lhe os rins e possivelmente a espinha também sofrera abalo.

Passou-se isto em Março e, oito meses depois, estava na mesma, senão pior ainda.

Um dia — triste dia de outono, que eu não esquecerei jamais! — Jack subia a escada devagar e entrava taciturno no meu gabinete de trabalho. Ouvindo-o andar tive a sensação de que arrastava uma grilheta. Sentou-se perto de mim. Fixou-me várias vezes e logo baixava os olhos, onde uma dor cruciante transparecia. Eu esperava...

— Guilherme — disse-me baixo, lentamente, numa voz sem vibração, sem som — eu vim para ter contigo uma conversa estranha. Não sei como dizer-te o que pretendo, nem o que vais

pensar, depois, de mim! Mas queria que entendesses, que visses no que te vou pedir, apenas o meu grande amor por ela.

— Falta Jack — retorqui-lhe — eu farei por bem compreender-te. Ele curvava a cabeça como um condenado.

— Ouve; tu sabes como eu gosto de Evelyn e quanto ela me quer também... Somos muito amigos... Muito!... Mais do que toda a gente!

Sorri; mas êle teimou orgulhoso: — Sim!... Mais do que toda a gente. E vou provar-to já. Sabes o que venho pedir-te? Eu que lhe quero tanto como à própria vida? — Que a tomes para ti, que a tenhas nos teus braços e na tua alma com o mesmo carinho e a mesma adoração com que eu a tive sempre.

Recuei, confrangido: — Jack, não pôde ser! Iludete. Iludem-se os médicos contigo.

Êle negou, com um sorriso triste:

— Não, não se iludem. O que eu vou dizer-te ainda é mais doloroso... Eu morro, sim, mas embora vivesse, pedir-to-ia da mesma forma. A queda aniquilou-me. Já não posso ser para Evelyn, mais do que um irmão... E ela é nova e forte como era... E eu não quero — repara — não quero que Evelyn caia nas mãos dum miserável que a não mereça. Eu tive-a... — como hei-de dizer-to?!... — castamente... Beijei-a como se beijasse uma criança, uma imagem, uma flor... E não posso conceber a ideia que aquele corpo que eu possuí numa adoração tão pura, seja poluído pela luxúria dos outros. E ela é fraca, inexperiente... e mulher. Daí a minha tortura. Eis porque vim ter contigo que és bom e tens uma alma capaz de sentimentos elevados, pedir-te que a tomes como se o teu amigo moribundo, te entregasse um tesouro muito frágil, muito delicado e te dissesse: — Estremece-o por pena dela e por amor de mim. Mas — e tremiam-lhe as mãos, fitando-me clucinado — não me julgues louco. Esta decisão é o resultado de muitas noites de insónia, de dias horrorosos de martírio!...



E, quando a viu dormindo, pegou num pequeno revólver; aproximou-se devagar...

Sou homem; tive revoltas, mas venci-me. Venci o meu egoísmo por amor dela. Como pensas que possa ser feliz uma mulher nova e exuberante, amarrada a um cadáver? Meu amigo, nós não somos só alma, e a carne só reclama e quase sempre triunfa... Evelyn é bonita, muitos a assediavam e pode cair. O meu dever é salvá-la, embora morra de dor. E salvá-la é dar-ta a ti que és bom e forte. Tentem pois ser felizes. O meu caminho é o da sombra. Mas irei contente comigo.

Não sei dizer o mundo de sensações que esta conversa despertou em mim. Pensei primeiro que ele fosse um doído, um depravado; depois, olhando-o, vi que era apenas uma alma sublime. E medi toda a tragédia: Eles amavam-se, mas havia nesse amor uma junção muito profunda da alma e do corpo, para que o aniquilamento de um, não viesse a prejudicar o outro. Depois, o começo do drama... A roda de Evelyn ardia entusiasmada e Jack teria visto uma troca de olhares e neles, boiando, fervido o desejo. E fôra o alarme. Num momento, medira a extensão do mal, e o seu amor — mística adoração — após as turbacões do instinto, que lhe pediam que a sacrificasse a ele, seu único senhor, lêz com que, de transigência em transigência, de raciocínio em raciocínio, chegasse a essa isenção admirável que o obrigava a renunciar ao que fôra todo o seu motivo de viver.

Curvei-me então para ele, e sem pejo, beijei-lhe a mão. Quando as almas sobem muito alto, as palavras são demasiado rudes.

Jack abraçou-me, chorando:  
— Bem hajas, meu amigo, meu irmão.  
— Ouve, disse-lhe eu, deixa-me repór desta surpresa. Tudo isto é dolorosíssimo!

Três dias passaram. Resolvi embarcar para a Madeira. Eis a carta que lhe mandei, despedindo-me:

\*Jack: Pensei muito, pensei constantemente no teu pedido. Não posso recusar-to, por ti, por ela, pela amizade que me liga a ambos. Mas entendo que entre essa ideia e a sua realização, devemos pôr o grande conselheiro que é o Tempo. As resoluções mais acertadas são fatais, às vezes, e contraproducentes se as precipitamos em demasia. E seria lamentável, meu pobre amigo, que o teu sacrifício fosse improficuo. Os médicos iludem-se muitas vezes e muitos, também, os corações apaixonados. Espera, acalma-te, e se a vida te continuar mostrando que é esse o único caminho, voltaremos a encontrar-nos.\*

Três meses passaram sem que esta carta tivesse resposta. Supus Jack magoado ou a sua inquietude adormecida.

Um dia, terrível dia esse em que os remorsos me perturbaram a alma, abri distraidamente um jornal; e, sob o meu olhar, surgiram, ainda uma vez unidos, os retratos de Jack e de Evelyn. Mas ele era o assassino e Evelyn a vítima! Julguei que enfouqueira perante esse

migma. E só mais tarde, na cela gelada onde aquela pobre sombra agonizava, é que eu ouvi da sua boca e compreendi inteiramente o trágico remate do seu infinito amor.

Fôra em Lisboa, uma noite depois da minha partida. Estavam no teatro e Henrique — um dos mais audaciosos admiradores de Evelyn e aquele que Jack mais temia e detestava pela sua presença atraente e clínico deboche, aquele que o forçara talvez a tomar a resolução extrema de entregar-ma — fitava-a e adulava-a insistentemente. Jack empalidecia. Foi brusco pela primeira vez. Evelyn sentiu-se e quis ir-se embora. Henrique acompanhou-os, despedindo-se irônico... Ela ficou enervada e, ao chegar a casa, atirou-se sobre o leito, chorando. Jack passeava sombrio. Era a primeira revolta. Então, dominando-se, carinhosamente, mergulhando-lhe os dedos nos lindos cabelos, afagando-a como se faz aos pequeninos, procurou sossegá-la; disse-lhe a sua compreensão pelo sacrifício dela; esboçou a proposta que me tinha feito.

Evelyn riu-se; chamou-lhe excêntrico e maníaco, e afirmou-lhe que não gostava de mais ninguém.

E em todo esse exórdio, Jack presenciou apenas a sua astuciosa habilidade de mulher...

Dias mais tarde, a fatalidade ou destino punham-lhe nas mãos uma carta ardente, vibrando de sensualidade e paixão, em que ela, esquecida até do seu pudor feminino, levada na vertigem amorosa que a empolgara, agradecia a alguém ter-lhe feito sentir tão completamente a deliciosa felicidade de amar... E a carta era dirigida a Henrique!

Fôra dado o último golpe. E, esquecido do seu próprio amor atraído, o coração de Jack sangrou como se lhe tivessem arilhado uma irmã ou poluído uma filha.

Mas nada disse ainda...  
Toda uma tarde e uma noite ele passou agitado, esgotando as poucas forças que a doença lhe deixara.

Evelyn ouvia-lhe os passos, admirada e receosa...  
A serenidade das suas palavras, porém, tranqüilizou-a.

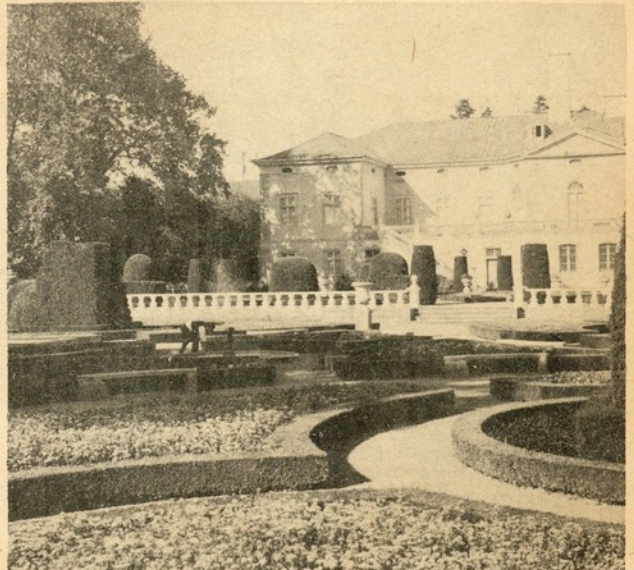
— Não vens deitar-te hoje, Jack? Vais piorar e isso afflige-me tanto...

A sua voz tinha requintes de inesperada meiguice. E foi nessa frase que ela se condenou a morrer...

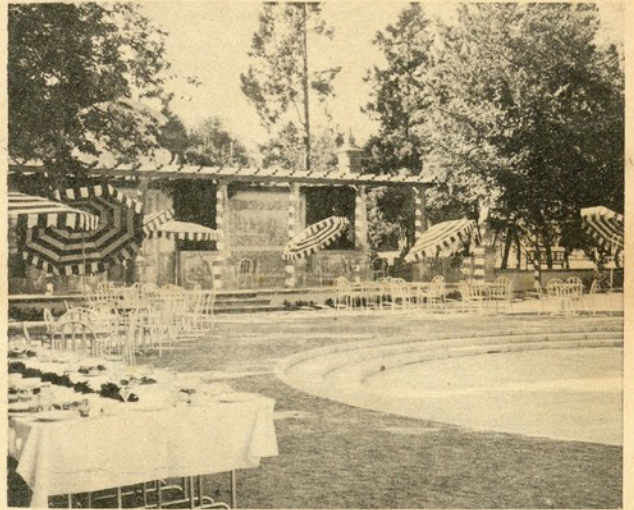
A piedade venceu o rancor; o amor ressurgiu-lhe no peito, luminoso e forte. E amando-a, ele quis resgatá-la — da desilusão, da vergonha, do arrependimento.

Ela adormecera, linda como a desdemona entre as rendas brancas do seu leito... Jack aguardava, espreitando-a... E quando a viu dormindo, pegou num pequeno revólver; aproximou-se devagar; e afastando brandamente as roupas que lhe cobriam o peito, procurou, tacteando, o coração. Encostou-lhe o cano da arma muito de leve, não fôsse despertá-la o frio...

E, puxando o gatilho, matou-a.



NO JARDIM ZOOLOGICO DE LISBOA, inauguraram-se agora novos e importantes melhoramentos, entre os quais avulta a abertura ao público do Parque das Laranjeiras, do antigo Palácio do Conde de Faro, hoje propriedade do Jardim.



UM LILLISSIMO PAVILHÃO com pergola, «casa de chá» e recinto para dançar, ficou a ser agora um dos mais aprazíveis lugares do Jardim Zoológico.



FOI TAMBÉM INAUGURADA A avenida Manuel Emídio da Silva, que parte da entrada do «Zoo» e termina no portão do Parque das Laranjeiras.

## TABELA PADRÃO DO «TESTE» DAS PÁGINAS 16 E 17

1	3	9	2	18	2
2	5	10	3	19	14
3	1	11	5	20	11
4	2	12	1	21	13
5	3	13	2	22	1
6	1	14	5	23	9
7	4	15	4	24	4
8	4	16	8	25	6
		17	15		



# a SENHORA dos MARES

Vida  
MUNDIAL  
e a estrada

RECENTEMENTE, O REI JORGE VI, continuando uma tradição de muitos anos de luta e poderio, quis, em plena guerra, passar alguns dias com a sua esquadra, no alto mar. A foto mostra-nos o soberano inglês com o almirante Sir John Tovey, chefe da Armada britânica, a bordo do couraçado «King George V», quando da sua recente visita à «Home Fleet». (Foto «Britanov»)